

A ESCOLA E A FAMÍLIA

9-12-68.

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

É preciso começar, como o fez em seu excelente discurso o senador Mem de Sá, pelos princípios básicos que estão bem formulados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela ONU em 1948 e aceita pelo Brasil. No art. 29, alínea 3 lemos: "Os pais têm a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar a seus filhos". Esse princípio, antigo para os católicos, vem reafirmar a prioridade dos direitos da família, defendendo-a contra as tentativas de usurpação pelo Estado totalitário ou para-totalitário.

Pósto o problema nesta base podemos dar mais um passo: a família tem a prioridade do direito de educar, mas não tem, em regra geral, a capacidade de realizar sozinho a tarefa da inserção do filho na cultura do tempo. Delega então à escola, aos professores, os poderes e a autoridade para educar. A escola é assim um prolongamento da família, um órgão diretamente ligado à família, e não um departamento de um ministério como aqui entre nós se acredita, numa superstição que já se tornou demorada demais. Há portanto abuso, usurpação, no regime atual que dá ao governo o direito de ditar programas e diretrizes, e que ultimamente deu à COFAP o direito de fazer um trocadilho de mau gosto, equiparando o ensino aos gêneros alimentícios, sob o pretexto de tratar-se do pão do espírito.

O principal inconveniente desse regime não é, a meu ver, de ordem econômica. Não é mesmo o de obrigar as melhores escolas a fecharem as portas. Não. O principal inconveniente da estupidez cofapiana está no divisionismo que opera entre as duas partes que deviam se entender sem necessidade de interpretar. Está na discordia, na inimizade, na falta de respeito que traz para a importantíssima relação família-escola. Como é possível educar em ambiente de hostilidades e denúncias? Como é possível manter um menino num colégio cuja diretoria foi denunciada pelo pai do dito menino à COFAP?

Por incrível que pareça, e por en-

fadonho que seja, é preciso lembrar que a tarefa de educar não é uma técnica, nem um adestramento de animais. Exige amizade, respeito, entendimento. Eu fui criado numa casa que era um colégio, e nesse tempo fabuloso minha mãe — a diretora do velho Colégio Corção — recebia provas repetidas de amizade e respeito de todos os pais. Era até demais a consideração que lhe tributavam; ou melhor, era por demais incomoda a dita consideração, que fazia de minha mãe uma espécie de São Luiz que distribuía justiça e conselhos, às crianças e aos pais, à sombra de uma jabuticabeira. Para mim, meus amigos, é inimaginável, é círculo quadrado, a idéia de um aluno cujo pai não respeitasse minha mãe. É por esse ambiente de relações humanas próximas e cordiais que me bato com uma fatigada ferocidade. Eu desejaria muito que os meninos de hoje tivessem a clara infância que eu tive, e que tiveram os alunos do velho Colégio Corção da rua Haddock Lobo, 212.